

O ENSINO DE FILOSOFIA E SUAS POSSIBILIDADES: NOTAS PARA UMA PRÁTICA EDUCATIVA RIZOMÁTICA

VALQUÍRIA DIAS DE ALMEIDA
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

LUIZ ARTUR DOS SANTOS CESTARI
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

CELIANE DO LAGO NOVAES CORTES
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

MÔNICA ARAÚJO SANTOS
Universidade de Estado da Bahia - UNEB

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise crítica acerca do retorno do ensino de Filosofia a grade curricular das escolas brasileiras e sua correlação com as Práticas educativas. A questão problema é: Quais os entraves e desafios enfrentados para o ensino de filosofia? Como podem as práticas educativas serem aliadas para o enfrentamento deste processo? O percurso metodológico adotado foi constituído por uma pesquisa qualitativa, para produção dos dados, utilizamos de pesquisas bibliográficas com uma interpretação da literatura filosófica tomando como base uma correlação da filosofia em Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995) para a construção de uma Prática Educativa rizomática, para o entendimento de Prática Educativa nos utilizamos das perspectivas teóricas de Zabala (1998), Mota (2010), entre outros que subsidiaram esse estudo. Os resultados desta pesquisa anunciam que ainda existem inúmeros obstáculos para o ensino de filosofia nas escolas brasileiras, e o quanto uma prática educativa rizomática pode vim a contribuir com a superação destes entraves.

5150

Palavras-chave: Ensino. Filosofia. Pratica Educativa.

Abstract: The present work aims to develop a critical analysis regarding the return of Philosophy teaching to the curriculum of Brazilian schools and its correlation with Educational Practices. The problem question is: What are the obstacles and challenges faced in teaching philosophy? How can educational practices be allies in this process? The methodological path adopted consisted of qualitative research and, to produce the data, we used bibliographical research with an interpretation of philosophical literature based on a correlation of philosophy in Gilles Deleuze and Felix Guattari (1995) for the construction of a Practice Rhizomatic educational, to understand Educational Practice we use the theoretical perspectives of Zabala (1998) among others who supported this study. The results of this research announce that there are still numerous obstacles to teaching philosophy in Brazilian schools, and how much a rhizomatic educational practice can contribute to overcoming these obstacles.

Keywords: . Teaching. Philosophy. Educational Practice.

Introdução

Desde a antiguidade, as filosofias têm sido construídas pelos filósofos numa relação muito próxima com a interpretação que eles fazem dos aspectos que influenciavam suas formas de vida, de modo que a produção deste saber não se dava distante de como eles viviam em sociedade. Por exemplo, Pierre Hadot nos mostrou em seus estudos sobre filosofia antiga que assumir uma perspectiva ou um movimento filosófico, seja ele platônico, aristotélico, estoico, epicurista, implica em admitir os mesmos pressupostos em seu modo de vida, ou seja, não podemos ser platônicos se não admitimos a cisão provocada pelo julgamento de Sócrates na vida de Platão que o levou a valorizar bem mais o mundo das ideias do que o mundo sensível, de opor a episteme à doxa.

Ao longo do século XX, a entrada da Filosofia como saber do currículo escolar tem propiciado a constituição de uma imagem dogmática deste saber com a proliferação de práticas educativas que ensejam uma percepção deste saber como algo distante da vida e sem implicação direta para a vida dos alunos. Assim, associado a esta imagem é que se apresenta nossa inquietude em dialogar com o contexto das práticas educativas para o ensino de Filosofia.

5151

Nesta perspectiva nos colocamos a analisar os entraves e desafios para o retorno do ensino de Filosofia nas escolas brasileiras e sua correlação com a prática educativa, anunciando ainda uma prática educativa que a luz de Deleuze e Guattari compreendemos como sendo uma possibilidade de mais uma linha de fuga para o ensino de Filosofia no Brasil.

Para tanto, buscamos nos fundamentarmos em autores que pudessem subsidia nossos estudos e posicionamentos, deste modo através de um percurso bibliográfico buscamos a compreensão para os temas aqui citados: Práticas Educativas, ensino de Filosofia, conceitos.

Espera-se com esse trabalho contribuir para a construção de um diálogo acerca do ensino de filosofia e as percepções de uma prática educativa rizomática, bem como apresentar caminhos diversos para a difícil empreitada do seu ensino.

O retorno da Filosofia à estrutura curricular das escolas brasileiras e as implicações no seu ensino

Depois de trinta e sete anos fora da matriz curricular das escolas de Ensino Médio, em nosso país, eis que a Filosofia se encontra de volta como disciplina obrigatória a ser oferecida

nas escolas. A disciplina voltou a ser lecionada nas instituições escolares, porém, isso não soluciona os problemas gerados por sua retirada e nem traz soluções para os problemas encontrados na sua efetivação dentro do novo contexto escolar vigente em nosso país. Um dos inúmeros problemas acarretados pela retirada da Filosofia e de demais disciplinas “humanistas” efetuadas pela ditadura é a lacuna existente na formação crítica e social dos jovens. Sobre esse fato se posiciona Pegoraro:

Hoje, os jovens têm dificuldades em raciocinar, em expor seu pensamento, mas não atribuo isso apenas à falta do ensino de Filosofia. É claro que influenciou, mas é bom lembrar que, nos últimos 20 anos, todo processo educacional do país foi esmagado [...]. O movimento de repressão cultural impediu o desenvolvimento do raciocínio e da crítica no país (Pegoraro, 1986, p. 9).

De fato, atribuir toda a responsabilidade das lacunas existentes no processo de carência de criticidade e raciocínio dos jovens à Filosofia seria como colocá-la dentro de um patamar utilitarista. No entanto, não podemos nos abster da falta que a mesma fez durante anos no desenvolvimento de jovens mais críticos, reflexivos e éticos e o quanto a escassez de disciplinas de cunho humanista contribuiu para o empobrecimento não apenas do conhecimento filosófico de várias gerações, mas também da sua formação cultural e social. Dessa forma, “[...] a partir de 1971, o desaparecimento progressivo da Filosofia contribuiu para o empobrecimento da formação cultural da juventude, a diminuição de sua capacidade e visão global dos problemas, constituindo-se numa das maiores limitações de nosso sistema educacional” (Ávila, 1986, p. 48).

Essa limitação teve como resultado a impossibilidade de grande parcela de uma geração, em consequência de fatos históricos e tecnicistas, ter acesso à Filosofia bem como outras matérias de caráter humanista e aos seus conhecimentos, deixando ao longo da história dessa geração uma lacuna a ser sanada. Outra parcela dessa mesma geração, no entanto, mesmo diante da proibição de se estudar Filosofia ou outras matérias de cunho humanístico, buscou, através de leituras e do convívio com intelectuais ao longo desses anos, sanar a ausência dessas matérias fomentando, assim, os seus anseios pelos diferentes tipos de saber, independentemente de proibições ou não.

Um fator importante e preocupante com o retorno da disciplina de Filosofia ao Ensino Médio é a pequena demanda de profissionais habilitados a lecionarem essa disciplina, o que faz

com que os dirigentes das escolas, em seus acordos internos, destinem professores de outras áreas do conhecimento para lecionar Filosofia, o que acaba aumentando a lacuna existente entre

o ensino dessa disciplina e as novas perspectivas educacionais. Outra dificuldade a ser superada é o fato de muitos ainda verem a filosofia, como um conhecimento que não deve ser valorizado, instaurando um preconceito em relação as suas atribuições; muitos a entendem como algo que trata apenas de opiniões vagas, fantasiosa, estritamente teórica, ou ainda como um saber integralmente inútil. Sobre essa situação assim se pronunciou o núcleo regional da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas do Rio Grande do Sul-SEAF-RS: “A filosofia tornou-se completamente desconhecida pelas novas gerações e considerada como uma forma de conhecimento ultrapassada, antiga, irreal, sem ter nada a ver com o ensino ‘moderno’, atual, ‘pragmático’, ‘produtivo’ etc.” (Seaf, 1978, p. 12).

Pelo que vemos, pejorativamente, a Filosofia no contexto contemporâneo educacional ocupa o papel de conhecimento inútil, desnecessário e sem validade na visão de alguns membros das novas gerações. Este fato só vem a somar aos inúmeros desafios a serem enfrentados pela filosofia no seu retorno ao Ensino Médio. Nos vemos agora com o desafio de que se faça compreender, para as novas gerações, que o conhecimento filosófico é sim de suma importância na sua formação e que o mesmo não se trata de algo inútil. Junto a isso, vem atrelado o desafio de se desenvolver o conhecimento filosófico aliado às novas tecnologias educacionais e pedagógicas, sem deixar que o mesmo se torne instrumento meramente ilustrativo do abismo educacional que se encontra a educação brasileira.

Segundo Luckesi (1994, p. 31), “As relações entre Educação e Filosofia parecem ser quase ‘naturais’. Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que é, e como devem ser o desenvolver destes jovens e está sociedade”. Em suma, a Filosofia e a educação sempre estiveram atreladas; a Filosofia, mesmo que de forma camuflada, nunca deixou de estar presente na educação, dando-lhe direcionamento por meio de suas conjecturas filosóficas. Seja com o retorno de forma oficial ou na luta para a sua permanência no currículo ao longo do tempo, a Filosofia ainda se destaca por sua resistência e relevância para o desenvolvimento e amplitude de sujeitos éticos, dignos e cientes de si e do mundo.

Prática Educativa e suas correlações com a Filosofia

Nesta parte do texto trataremos por desenvolver um recorte tendo por objetivo trilhar os percursos históricos constitutivos acerca da prática educativa. Para tal fim, iniciaremos nosso percurso na Antiga Grécia Clássica, local de nossas primeiras análises acerca da Prática

Educativa. Temos na Grécia Antiga nesse período, a figura dos filósofos Pré-Socráticos (Sofistas), os quais eram conhecidos pelo grande poder de persuasão e de retórica; ensinavam a seus alunos e recebiam por esses ensinamentos, considerando esse pagamento como algo natural, além de defenderem que outros profissionais também recebessem pelos serviços prestados. Com os ensinamentos, os Sofistas e seus interlocutores aprimoravam a retórica e a habilidade de defender e discutir sobre uma causa e de convencer através das palavras seus adversários “No caso dos Sofistas, tal convencimento é sempre marcado por um sedutor jogo de palavras que tem a intenção de agradar, comover ou amedrontar seus interlocutores” (Mota; Cabral, 2013, p. 210). Neste sentido, o caráter filosófico e construtivo da prática educativa dos Sofistas centrava-se em um apelo emocional e de persuasão através da retórica com o intuito de se formar o vencedor. No entanto, as contribuições Sofistas para o desenvolvimento de uma prática educativa vão muito além da esfera da retórica.

5154

O aspecto ‘universal’ da prática educativa encontrado nos Sofistas é a formação humana. O aspecto ‘particular’ trata da questão da formação do cidadão. Independentemente da questão da remuneração, os Sofistas são considerados os fundadores da pedagogia democrática e também mestres da arte da educação e do cidadão. Já o aspecto singular concerne ao uso da persuasão (Mota; Cabral, 2013, p. 210).

Em contramão a todo esse movimento filosófico e educativo, temos a Filosofia e a Prática Educativa de Sócrates. A Filosofia Socrática era desenvolvida através de um método chamado de Maiêutica. Para Sócrates, nós seres humanos já nascemos com ideias inatas e essas ideias necessitam que sejam “vindas à luz”, daí o termo Maiêutica. Essas ideias viriam à luz pela Filosofia Socrática por meio do diálogo e não através da persuasão como pregavam os Sofistas. Esses diálogos eram desenvolvidos por Sócrates em forma de perguntas aos seus interlocutores com o objetivo de auxiliar as pessoas a terem suas próprias ideias e de perceberem que muitas das ideias que elas defendiam ou detinham como verdades não eram suas ou mesmo verdadeiras e, na maioria das vezes, não passavam de meras opiniões.

Podemos considerar o método Socrático como pedagógico, pois, auxiliava as pessoas a se voltarem para si mesmas e perceberem as amarras de sua sociedade, analisando se suas ideias

eram possíveis de sustentação lógica ou se não passavam apenas de opiniões contraditórias. Assim como os Sofistas, o aspecto “universal” da prática educativa Socrática é a formação humana. No entanto, seu aspecto particular se difere do Sofista, pois, trata da utilização do diálogo como prática educativa, já como singularidade temos a utilização da maiêutica.

Podemos perceber, que no que se refere à prática educativa, que ambas teorias foram importantes para a sua formulação e aprimoramento. Importante representante do período moderno, temos o filósofo Jean Jacques Rousseau, com uma vertente constitutiva de uma prática educativa desenvolvida através do seu livro “*Emílio ou da Educação*”, livro publicado em 1762. Sua obra não foi bem-aceita pelas autoridades de Paris, levando Rousseau a ser condenado. No livro, que se trata de um romance pedagógico, Rousseau (2001, p. 42) versa sobre a educação de Emílio. Sua primeira vertente educativa tratada no livro é que “[...] os homens nascem bons a sociedade que os corrompem”, neste sentido, o objetivo principal do autor é fazer com que a criança não se torne má e sim um adulto bom em todos os aspectos.

No período em que o autor vivia, as crianças eram tratadas como adultos em miniatura; elas eram punidas com a mesma rigidez que um adulto. Não havia uma preocupação com o educar das crianças como nos dias de hoje, pois, bastava aprender com os exemplos dos adultos. A educação dada à criança neste período era extremamente técnica, racionalizada e impositiva. Segundo Rousseau (2001), não se tinha espaço para infância e muito menos era dada atenção para as diferentes fases que a compõem, dessa forma, ele propõe em seu livro que a educação deve separar os adultos das crianças e a valorização das crianças como crianças e não como mini adultos a se formarem.

Rousseau não cria com seu livro um manual de como educar, ele vai além disso, sua proposta inovadora para época, se preocupa com as diferentes fases das crianças e seu desenvolvimento é o resultado desse processo, já que para ele a sociedade corrompe os homens. Deste modo, colabora com a noção de prática educativa a postular que devemos aprender com nossas experiências tendo como foco central a formação humana.

No marxismo, a Filosofia da práxis possui como objetivo principal “a transformação do mundo através da atividade revolucionária que está diretamente ligada à capacidade humana de exercer suas atividades de maneira livre, autêntica e autoconsciente” (Mota; Cabral, 2013, p. 213). Desse modo, o indivíduo, opondo-se aos padrões de trabalho e alienação, constantemente

encontrados no sistema capitalista vigente e que permeia a nossa sociedade, estaria por exercer de forma livre e autoconsciente as diretrizes constituintes de sua existência.

Vásquez (2007) compreende o ser humano como necessariamente um ser social, que através da sua prática, possui a capacidade de dominar a si mesmo e a natureza, auxiliado por seu trabalho. É o homem o responsável tanto pelas transformações sociais, quanto econômicas ao longo do desenvolvimento da história da humanidade.

Outro importante autor que contribuiu com a nossa construção do que se configurou como prática educativa é Antoni Zabala (1998). Em seu livro “*A prática educativa: como ensinar*”, Zabala desenvolve todo um percurso metodológico sobre a prática educativa e sua importância no processo do ensino e aprendizagem, tratando em especial, das variáveis que configuram a prática educativa, as sequências didáticas e suas variáveis metodológicas e das análises constituintes de uma prática educativa reflexiva. Trataremos neste momento de estabelecer um diálogo com essas diferentes vertentes construídas por Zabala em seu livro.

Zabala (1998) de imediato nos mostra que seu objetivo principal é o de melhorar a prática educativa; para tanto, nos orienta acerca da necessidade e importância de se repensar as práticas educativas desenvolvidas pelos professores em suas salas de aula para, assim, melhorá-las e aperfeiçoá-las. De acordo com Zabala (1998), essa “melhoria” se dará a partir do conhecimento e das experiências para dominá-las. Para o autor, é necessário pensar e repensar os processos que estamos inseridos e os quais inserimos nossos alunos e que através das experiências e dos conhecimentos de outros professores e de nós mesmos poderemos melhorar a nossa prática educativa.

No entanto, somente essas atitudes, segundo Zabala (1998, p. 14), não se constitui elementos suficientes para sanar o problema, pois, “[...] assim, frente a duas ou três posições antagônicas, ou simplesmente diferentes, necessitamos de critérios que permitam realizar uma avaliação racional e fundamentada”. Para o autor, as inúmeras complexidades e variáveis que envolvem o processo do ensino e aprendizado faz com que se aumentem mais ainda as dificuldades em se estabelecer uma prática educativa eficaz.

Segundo Elliot (1995 apud Zabala, 1998), existem dois tipos distintos e bem diferentes entre si de professores capazes de desenvolver essa prática. Seria o tipo (A) definido como o professor que desenvolve uma pesquisa sobre um problema prático, mudando, assim, algum aspecto da sua prática docente, fazendo com que o mesmo mude e crie estratégias diferentes no

desenvolver e no aplicar de sua prática educativa. Esse tipo é direcionado por uma inclinação acadêmica, já que se utiliza das pesquisas para tentar solucionar problemas do seu meio.

Para Zabala (1998), esse professor supõe que existe uma atuação racional na qual se selecionam ou escolhem as ações sobre a base de uma observação desvinculada e objetivada da situação, marco teórico em que se pode separar a investigação da prática.

O tipo (B) de professor, é caracterizado por Zabala (1998), como o professor que tende a modificar em algum aspecto a sua prática docente, não através de pesquisas acadêmicas e sim

como resposta a um problema prático encontrado em seu dia a dia, depois de entender que não pode resolvê-lo com as mesmas práticas de antes. Esse professor estabelece um processo de mudança, iniciado por uma reflexão sobre sua prática. Na perspectiva de Antoni Zabala, esse tipo (B) de professor é o que com maior clareza se apodera da lógica natural do pensamento prático do fazer pedagógico.

Antoni Zabala compreende que é de extrema importância que se debata sobre os processos e os graus de compreensão sobre a prática educativa e os caminhos que seguem ou que necessitam seguir para o aprimoramento e melhora da prática educativa de qualquer educador.

5157

Se entendemos que a melhora de qualquer das atuações humanas passa pelo conhecimento e pelo controle das variáveis que intervêm nelas, o fato de que os processos de ensino/ aprendizagem sejam extremamente complexos – certamente mais complexos do que os de qualquer outra profissão – não impede, mas sim torna mais necessário, que, nós, professores, disponhamos e utilizemos referências que nos ajudem a interpretar o que acontece em aula. Se dispomos de conhecimentos deste tipo, nós os utilizaremos previamente ao planejar, no próprio processo educativo, e, posteriormente ao realizar uma avaliação do que aconteceu (Zabala, 1998, p. 15).

Dessa forma, Zabala (1998) defende que devemos nos ascender a novos conhecimentos e para a importância que se tem de entender e controlar as variáveis que intervêm, seja de forma positiva ou negativa no processo do ensino-aprendizagem e da necessidade de avaliar e reavaliar todo o processo, pois, ele é complexo e passível de falhas.

A questão da prática educativa não se conclui em nosso trabalho com os autores tratados até aqui, ainda é necessário sanar algumas lacunas existentes acerca da prática educativa e o ensino de Filosofia. Com a necessidade constante de buscar subsídios que nos dirija em meio aos desafios diários de se ensinar Filosofia, recorreremos à “pedagogia dos conceitos” para a formulação de uma prática educativa e uma imagem da Filosofia que compreendemos como a

mais adequada para a filosofia e seu ensino; para tanto, nos guiaremos pelas preposições de conceitos de Deleuze e Guattari (1995).

Compreendemos que o fato da disciplina de Filosofia ter sido afastada durante anos de forma obrigatória das configurações curriculares das escolas brasileiras nos deixou uma lacuna muito maior que apenas questões de conteúdo e sua importância no cenário educacional. Nos encontramos, agora, enquanto professores de Filosofia e profissionais da educação em uma realidade educacional constantemente metafórica e desafiadora, sobre a tarefa e a necessidade de se repensar e desenvolver um modelo eficaz de ensino de Filosofia.

Intrínseco nesta necessidade, o fato de se repensar e recriar tanto o currículo imposto, quanto os materiais didáticos e nossos métodos e técnicas de ensino dentre demais questões que permeiam o ensino de Filosofia e perpassam pela prática educativa do professor. Entendemos que é através da própria Filosofia que encontraremos subsídios necessários e capazes de nos dar novas possibilidades e linhas de fuga para o panorama atual onde se encontra a Filosofia e seu ensino.

Proposta de uma prática educativa rizomática para o ensino de Filosofia a luz de Deleuze e Guattari

Com o intuito desenvolver a nossa noção de prática educativa ideal para o ensino de Filosofia que nos embasaremos através das perspectivas teóricas de Deleuze (1995). Nossa proposta com esse exercício não se encontra na perspectiva de criar ou encontrar a solução definitiva para tantos e amplos problemas que envolvem a questão. Nossa intenção é refletir e de algum modo tentar contribuir para uma nova formulação e um novo olhar sobre a prática educativa e o ensino de filosofia.

Segundo Deleuze (1995), a tarefa da Filosofia é formular conceitos, desse modo cada obra ou sistema filosófico podem construir o seu sentido através dos conceitos. Esses conceitos podem ser criados para solucionar problemas. Vemos em Deleuze (1995) que cada conceito é único, devemos, então, para o ensino de Filosofia, explorar as possibilidades que cada novo conceito pode nos proporcionar.

Todo o conceito remete a um problema, a problemas sem os quais não teria sentido, e que só podem ser isolados ou compreendidos na medida de sua solução [...] mesmo

na filosofia não se cria conceitos, a não ser em função dos problemas que se considerem mal vistos ou mal colocados [...] (Deleuze, 1992, p. 35).

Desta forma, podemos nos utilizar da noção de conceito desenvolvida por Deleuze (1992) para questões referentes à nossa prática educativa envolta ao ensino de Filosofia. A proposta é de que o ensino de Filosofia se centre na construção de conceitos, tarefa essa que se realizaria através da colocação e da demonstração a que se remete o conceito que foi criado e da utilização de sua multiplicidade. Essa multiplicidade deve dar conta da própria multiplicidade do mundo, considerando que os conceitos não são simples, mas formados por estruturas complexas.

Outro ponto de extrema importância na Filosofia de Deleuze (1995) são os acontecimentos. Para ele os “acontecimentos” se caracterizam como diferentes mudanças qualitativas de esfera singular que se realiza no estado da coisa. “Em todo acontecimento, há de fato o momento presente da efetuação, aquele em que o acontecimento se encarna em um estado de coisas, um indivíduo, uma pessoa” (Deleuze, 1995, p. 32).

5159

Os acontecimentos se apresentam como problemas e nos levam a pensar. Dessa forma, devemos criar conceitos para tentarmos dar conta dos acontecimentos em meio as situações que vivemos, “Os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são os nossos, com nossa história e sobretudo com nossos devires” (Deleuze, 1992, p. 36). Os acontecimentos, então, seriam como elementos para pensarmos e reorganizarmos o processo de ensino de Filosofia e nossa prática educativa diária. No entanto, como transpor essa realização de conceitos para o dia a dia da sala de aula em nossas aulas de Filosofia?

Nosso pressuposto é de que o educando, através das aulas de Filosofia, seja colocado diante de situações em que ele possa movimentar o seu pensamento, ou seja, diante de “acontecimentos” que os leve a pensar e a construir seu próprio conhecimento. Uma forma prática e didática seria a do professor de Filosofia selecionar, para suas aulas, problemas filosóficos que façam ponte com os problemas diários vividos pelos educandos, problemas que possuam um significado existencial para a vida dos estudantes e que possibilite que eles entendam e construam a noção de que a Filosofia trata e retrata essas questões de suas vidas e que pode auxiliá-los de forma concreta a compreender esses problemas.

Desse modo, é necessário que o professor entenda que cada conceito que se pretende ensinar necessita de um exercício de reconhecimento, de que tipo de conceito estamos tratando, seus elementos, problemas, como e de que forma resolver esses problemas, num exercício contínuo de se criar e de se entender conceitos, não apenas no âmbito do achismo, mas pautado em um envolvimento filosófico, tanto histórico, como contemporâneo. Levando, dessa forma, o aluno não apenas a compreender os elementos históricos da Filosofia, mas os fundamentos de uma prática filosófica e a construção de sua autonomia para também criar seus próprios conceitos envolvidos com os problemas que pertencem a cada um ou ao todo.

Com esse movimento estaríamos como bem nos diz Kohan (2003) não ensinando o aluno a pensar, já que a aula de filosofia deve desenvolver-se através de exposição de conceitos.

A Filosofia deve facilitar, estimular e preparar o aluno para desenvolver o pensamento. Através dos conceitos desenvolvidos e expostos nas aulas de Filosofia, os educandos encontram-se diante de possibilidades em forma de experiências que os possibilitam o desenvolvimento do livre pensar. Outra forma de utilizarmos a noção de conceito desenvolvida por Deleuze (1995) em nossa prática educativa é através da forma como elaboramos, organizamos e aplicamos nossas aulas. Como vimos, na noção de prática educativa defendida por Zabala (1998) são nítidos a importância e os impactos da escolha do método, atividades, percurso metodológico para a elaboração de nossas aulas.

Para o ensino de Filosofia, a nossa proposta também se centra na noção de conceitos extraída de Deleuze (1995). Na prática, o conceito seria utilizado como resolução de problemas. Sua multiplicidade, como a noção de que temos que utilizar inúmeras formas de avaliar, ensinar e diferentes atividades, na concepção de que a história da Filosofia se faz importante, mas que devemos nos utilizar de temas do cotidiano aliados à Filosofia como linhas de fuga para uma historicidade excessiva e, assim, aproximarmos-nos à Filosofia da vida dos educandos e não caminharmos para fora dela.

O aluno seria, neste cenário, estimulado a compreender a Filosofia e seu papel dentro do contexto de ensino e aprendizado de outra forma. Com a noção de construção de conceitos de Deleuze (1995) podemos trabalhar em sala de aula qualquer tema filosófico, estabelecendo como ele defende, o problema que se quer resolver, qual o estilo do autor, sua assinatura “teoria”, forma que expõe suas ideias, com qual autor dialoga ou tenta contrapor-se, nomes dos

conceitos e como são compostos. Assim, estaríamos desenvolvendo uma prática rizomática para o ensino de Filosofia.

Nesse sentido, cabe ao professor em primeiro momento escolher os conceitos que produzirão maior significância para a propedêutica filosófica nessas aulas de filosofia no Ensino Médio. Em segundo momento, desenvolver a autonomia no sentido que permita aos educandos indicar, votar ou selecionar conceitos que gostariam de dialogar, aliando-os ao pensamento filosófico. A noção de multiplicidade também deve ser transportada para as escolhas das atividades em um processo que envolva a interdisciplinaridade com outros campos do conhecimento. Podemos estudar ética ao analisarmos uma notícia de jornal, um poema, trechos de um filme ou livro.

É importante aliarmos a Filosofia e o conhecimento filosófico a diferentes formas de se criar conceitos e, com isso, transpor a esfera do livro didático e do engessamento da maioria das aulas desenvolvidas no nosso cotidiano escolar em um movimento no qual a Filosofia faça parte de forma efetiva e transformadora da vida dos educandos, movimento esse em que os alunos produziram significados e conceitos, ultrapassando a esfera do teórico e trabalhando em si mesmos e em suas realidades, não somente a teoria, mas também meios de utilização destas em suas vivências diárias e cotidianas.

O movimento que se propõe por meio da utilização de conceitos na prática educativa do professor e ao ensino de Filosofia se sustenta na percepção de Deleuze (1995), que defende o acontecimento como importante no processo de desenvolvimento do pensar. Para Deleuze (1995 apud Zourabichvili, 2003, p. 27) “o pensamento pensa (encontro com um fora que força a pensar, corte do caos por um plano de imanência), objetividade especiais do pensamento (o plano é povoado apenas por acontecimento ou derives, cada conceito é a construção de um acontecimento sobre o plano)”. Desse modo, entendemos que o ato do pensamento tende a criar conceitos para dar conta dos acontecimentos que nos cercam nesse longo processo de ensino-aprendizagem da Filosofia e de suas inúmeras possibilidades de se criar e recriar conceitos.

Considerações Finais

Através das pesquisas bibliográficas realizadas para produção deste trabalho, concluiu-se que o retorno da Filosofia como disciplina a grade curricular das escolas brasileiras trouxe consigo muitos entraves e desafios e que inúmeros deles ainda penduram a mercê de um novo olhar e uma nova atitude tanto no que tange o lugar da Filosofia no currículo, quanto a atuação dos professores em correlação com suas práticas educativas diárias. Com o presente trabalho foi possível anunciar para o nosso entendimento possibilidade de uma linha de fugas para questões aqui tencionadas para diálogos dentro de um paralelo com Deleuze e sua Filosofia em busca de um ensino de Filosofia para além das teorias e amarras.

É notória a importância de se gestar discussões como essas, pois como defende Zabala é de extrema importância que o educador pense e repense constantemente a prática educativa que vem desenvolvendo em seu dia a dia e como elas podem impactar em todo processo educacional. O que compreendemos dessa lição filosófica para a prática educativa, é que podemos potencializar os sujeitos a agirem de modo diferente, para que eles possam por si mesmos decifrar os signos que lhes atravessam. É da confrontação com esta multiplicidade que surgem os agenciamentos, que mantêm os sujeitos ativos diante do mundo, fazendo-os produtores de sentido no mundo.

Particularmente, para nós, a realização desta pesquisa foi de grande valia por ampliar a nossa compreensão acerca das diferentes práticas educativas e como elas podem influenciar de forma determinante sobre os sujeitos praticantes do processo de ensino e aprendizagem, além mais, que de modo constante necessitamos nos centrar no exercício de pensar e repensar nossas práticas educativas diárias.

Referências

- ÁVILA, C. de. **Filosofia no II grau**: Documento de Brasília. In: A Política da Filosofia no II grau Rio de Janeiro: SEAF, 1986
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.
- HADOT, P. **O que é a filosofia antiga?** São Paulo: Loyola, 2014.

KOHAN, Walter Omar. **Infância**: entre a educação e a filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Cortez, 1994

MOTA, F.A.B.; CABRAL, C.L.O. **A prática educativa através dos tempos: dos antigos aos pós-modernos**. EccoS, São Paulo, n31, p 207-233. maio/ago.2013.

OLIVEIRA, L. (2016). Dossiê **Pierre Hadot: a filosofia como modo de vida**. *Archai*, nº 18, sept.- dec., p. 285- 289.

PEGORARO, O. Filosofia: a ressurreição depois do banimento. *In: A política da filosofia no II grau*. SEAF, 1986.

RODHEN, V. A filosofia prática, sua relevância e atualidade. **Debates filosóficos**. Rio de Janeiro, n. 2, 1980.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

SEAF. **A reforma do ensino e a filosofia no II grau**. *Correio do Povo*. Porto Alegre, 1978.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. **Filosofia da práxis**. Expressão Popular, 2007.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.



Valquíria Dias De Almeida. Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB. Graduada em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz- UESC. Mestra em Educação – UESB. Doutoranda em Educação – UESB; Professora da Universidade do Estado da Bahia – UNEB Campus VI.

E-mail: vda.dias1506@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/2504475970033146>

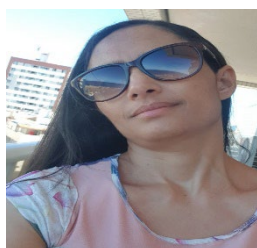
Orcid:0000-0002-1710-7598



Luiz Artur *dos Santos* Cestari. Graduado em Pedagogia (1997), Mestre em Educação (2000) e Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; atualmente é Professor Pleno da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Desenvolve pesquisas sobre a circulação de ideias no campo educacional no Brasil e orienta pesquisas em programas de pós-graduação: o PPGEd/UESB (Programa de Pós-Graduação em Educação) e o PPGCA/UESB (Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais). Além disso, atua como professor e orientador do mestrado e doutorado do PPGEd/UFPE.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2569014459525283>

Orcid: 0000-0002-1842-2207



Celiane do Lago Novaes Côrtes. Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB e 2ª licenciatura em Letras Libras (UNIASSELVI). Pós-graduada em Linguística (UESB) e pós-graduada em Libras (UNIP).

E-mail: celinhalago@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8326956285059725>

Orcid: 0009-0007-4791-8870



Mônica Araújo Santos

Graduanda do 7º semestre de Letras, Língua Portuguesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia - UNEB.

Email: monicaraujotn@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0437978984444953>

Orcid: 00009-0003-4097-036x